

Trabalho colaborativo entre professores

Entrevista (escrita) para a revista *Educação e Matemática*

Este número da revista centra-se no papel que a investigação em educação matemática tem na aprendizagem dos alunos. Assim, pareceu-nos fundamental incluir o relato de uma experiência de integração de resultados da investigação, na planificação de aulas de um grupo de professoras do 1.º ciclo (grupo 110). Dina Morais, Helena Gil, Helena Moreira e Paula Figueiredo são professoras do mesmo agrupamento de escolas, Agrupamento de Escolas Braamcamp Freire, há cerca de 12 anos, não trabalhando, contudo, todas na mesma escola, embora isso já tenha acontecido em anos anteriores. Têm entre 16 e 21 anos de serviço. Neste ano letivo a Dina Morais e a Helena Moreira encontram-se a lecionar um 3.º ano de escolaridade, a Paula Figueiredo assume a função de coordenadora da Escola Básica Quinta da Condessa e é professora de Apoio Educativo e a Helena Gil encontra-se de licença sem vencimento e bolsa da Universidade de Lisboa.

As questões da entrevista foram elaboradas pela redação, enviadas por escrito e respondidas pelas quatro professoras em conjunto.

Porque é que a investigação em educação é importante para vocês?

A investigação em educação é muito importante no trabalho de planificação da nossa prática. Ajuda-nos a organizar uma prática mais rica, pois para além de nos esclarecer dúvidas, permite-nos encontrar ideias, instrumentos e estratégias que nos inspiram a construir percursos que acreditamos serem significativos para os nossos alunos. A investigação tem por base estudos que de algum modo trazem novas formas de pensar e trabalhar determinados conteúdos e até de olhar a sala de aula. Nós acreditamos numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida e para nós existe uma relação direta entre a investigação e o ensino. Aliás, somos todas pré-Bolonha (os anos já são alguns!) e, curiosamente, sentimos necessidade de ir fazer um mestrado, que nos fizesse analisar um determinado aspeto, de forma crítica e fundamentada, que ao mesmo tempo nos ajudasse a articular a teoria da nossa área com elementos da nossa prática. Para além disso estamos de algum modo ligadas a associações profissionais, onde temos formação, pelo que discutimos textos nos grupos de trabalho que integramos e vamos acompanhando o que vai sendo publicado nas revistas, no sentido de perceber o que nos diz a investigação e de que modo conseguimos transferir essa informação para o trabalho com os alunos.

Porque acharam importante levar a investigação para as vossas reuniões? Surgiu de algum problema concreto? Da necessidade de planificar uma dada unidade, ou simplesmente porque acham importante estar a par do que a investigação nos diz?

Acaba por ser por causa de tudo isso. Nós reunimos para planificar o nosso trabalho, mas reunimos também para partilhar e discutir as nossas dúvidas, preocupações, angústias... e é isso normalmente que nos leva a procurar textos no sentido de nos ajudarem a perceber o que os alunos devem aprender e a melhor forma de o fazerem, já que nem sempre os programas nos ajudam e os manuais ainda menos! Repararem no que aconteceu com o programa de 2013, que sugeria, por exemplo, começar o trabalho com os números racionais não negativos, no 2.º ano de escolaridade, logo pela fração num significado de medida, sem o uso de materiais e sem qualquer ligação à vida do dia-a-dia dos



alunos. Parecia-nos absurdo começar daquela maneira. Muitas vezes temos dúvidas sobre conteúdos que não conseguimos esclarecer entre nós e precisamos de aprofundar o assunto. Então, há sempre alguém que traz um documento para analisarmos e discutirmos. Outras vezes queremos chegar à melhor forma de conseguir que os nossos alunos compreendam um determinado assunto. Temos presente os objetivos e sabemos onde queremos que os alunos cheguem, mas tendo em conta a nossa turma, a nossa realidade, acabamos por sentir necessidade de criar um percurso. O que é simples no 1.º CEB, porque temos só uma turma. Para tal, vamos procurar artigos sobre estudos já feitos e planificamos de acordo com o que nos diz a investigação, pois se já foi aplicado e resultou, desafia-nos! É assente na premissa de que nunca sabemos (nem saberemos!) tudo, pelo que se torna imprescindível munirmo-nos de sustentação teórica que fundamente as opções que tomamos.

Como se desenvolvem as vossas reuniões? Quem dinamiza? Como é escolhido o tema?

Nós já nos reunimos para planificar, semanalmente, há cerca de uma década! Temos uma dinâmica de grupo instituída. Sentimos necessidade de planificar cada semana em conjunto, de pensar nas tarefas e materiais que vamos usar com os alunos. Depois, dividimos entre nós a execução e partilhamos umas com as outras, para que todas possamos ver, dar a sua opinião e, sempre que necessário, corrigir. Recentemente criámos até um espaço partilhado na drive para irmos colocando todos os materiais que

vamos construindo. As nossas reuniões não têm assim um só tema. Talvez a nossa preocupação comum seja preparar a semana seguinte, contudo, reunimo-nos também para simplesmente conversar, esclarecer dúvidas, desabafar, partilhar preocupações, mas também alegrias, relatando os aspetos que nos correram bem e que estão a ter reflexos positivos visíveis no trabalho realizado com os alunos. Em relação à dinamização, é partilhada por todas, de acordo com o entusiasmo ou a fragilidade em relação a um dado conteúdo. Cada uma contribui com o melhor de si, como resultado da sua experiência, do seu estudo, da sua reflexão. Ainda assim, a dado momento, há sempre uma de nós que nos faz centrar no que é importante, pois muitas vezes os acontecimentos do nosso dia-a-dia fazem com que não consigamos deixar o modo “desabafador”.

A título de exemplo e por ser mais recente, quais as preocupações/temas que trouxeram para a vossa última reunião?

Para a última reunião tínhamos pensado falar de geometria, pois queríamos avançar no estudo das figuras. Lemos algumas brochuras e outros textos, que uma colega que está a fazer doutoramento nesta área nos disponibilizou, para nos ajudar a planificar um percurso centrado na classificação, mas nem chegámos a discuti-los! Ainda planificámos uma primeira atividade, com recurso ao geoplano, para rever o que já tinha sido trabalhado com as formas bidimensionais, para os alunos identificarem propriedades e discutirem algumas relações. No entanto, quando fomos consultar as listas de verificação de conteúdos de matemática, onde temos tudo o que o programa preconiza neste tópico, acabámos por nos deixar levar para outro assunto. Uma vez que esta sessão se realizava bem junto ao final do 1.º período, começávamos a sentir alguma ansiedade em relação à necessidade de fazer um balanço dos conteúdos trabalhados, entre nós e com os alunos. Assim, apesar de não ter sido pensado, a nossa reflexão acabou por recair sobre a avaliação. Identificámos o que tínhamos trabalhado e planificámos uma aula para os alunos lerem os descritores assinalados na lista e avaliarem o seu desempenho em cada um. Percebemos que, à medida que os alunos vão identificando as suas dificuldades e o que já dominam, vão-se apropriando do currículo. Ao fazer o balanço entre nós, decidimos também tornar mais clara a relação entre os ficheiros de matemática que temos nas salas e as listas de verificação. Isto é, identificar cada ficha do ficheiro com o(s) descritor(es) da lista de verificação correspondente. Deste modo, quando os alunos fazem uma ficha do ficheiro têm noção clara dos conteúdos que estão a trabalhar. A avaliação é uma dimensão da nossa prática em que sentimos, permanentemente, que precisamos de melhorar, pois pretendemos que seja, sobretudo, formativa e reguladora, mas não é fácil! Talvez seja por essa razão que, com regularidade, ela se impõe nas nossas reuniões.

Há algum episódio mais significativo que queiram relatar?

Há uns anos atrás tivemos connosco uma colega, a fazer doutoramento em didática da matemática, que nos trouxe investigação na área da Medida e que esteve em algumas das

nossas sessões. A partir das leituras que fizemos construímos percursos de aprendizagem que envolviam a exploração de propriedades e conceitos que apelavam a atividades concretas de manipulação de objetos, que o programa atual nem refere! E que percebemos serem fundamentais, como a transitividade, a conservação ou mesmo a noção de unidade de iteração, para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa deste tema. Este é um tipo de desafios que agarramos no início do ano ou de um período, mas todas as semanas surgem outros. Por exemplo, como para além de professoras titulares, já fomos também professoras de apoio, professoras coadjuvantes e asseguramos substituições, por vezes, é necessário pensar numa situação específica, não antecipada. No momento fazemos o que nos parece melhor, mas acabamos por trazer para o grupo e refletir em conjunto.

Acham que esta forma de trabalhar contribuiu para uma melhor prática letiva?

O facto de ser uma prática letiva pensada por várias pessoas, de forma cooperada, leva-nos a acreditar que sim. Somos todas diferentes e o ponto de vista e as ideias de cada uma ajudam a melhorar a prática de todas, na medida em que esta vai sendo construída, partilhada, refletida e reconstruída, progressivamente, sob diferentes olhares e perspetivas. No entanto, acontecem sempre problemas, porque nem sempre conseguimos cumprir os planos que fazemos, o trabalho na turma tomou um rumo completamente diferente do pensado ou chegamos mesmo à conclusão que não escolhemos as tarefas indicadas para o objetivo que tínhamos. Ao verbalizarmos, acabamos por desdramatizar e encontrar alternativas. Parece-nos que tudo seria bem mais complicado se cada uma trabalhasse sozinha.

A título de conclusão que “conselhos” podem deixar?

Acreditamos que o desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, a nossa prática, melhoram significativamente se forem pensados em conjunto. Tal como consideramos importante que os nossos alunos apresentem e discutam as suas estratégias e soluções uns com os outros, não parece fazer sentido que nós, professores, possamos refletir sobre a nossa sala de aula de modo isolado. Nós precisamos de fazê-lo também umas com as outras, pois só a experiência acumulada ao longo dos anos (e já são 20 de serviço para a maioria de nós!) parece ensinar-nos pouco, se não paramos para refletir sobre o nosso trabalho, sobretudo em conjunto, como fazemos nestes momentos informais. Só podemos ajudar os nossos alunos se tivermos consciência que nós também precisamos de ajuda. Ajuda para pensar sobre o que os alunos aprendem e a forma como aprendem, através da cooperação entre pares e com a ajuda da investigação.

DINA MORAIS, HELENA GIL, HELENA MOREIRA, PAULA FIGUEIREDO E SUSANA BRITO

PROFESSORAS DO GRUPO 110, DO AGRUPAMENTO DE ESCOLA BRAAMCAMP FREIRE, PONTINHA, LISBOA.